

PROSÓDIA: ALGUMAS FUNÇÕES DOS SUPRA-SEGMENTOS

LUIZ CARLOS CAGLIARI
UNICAMP/IEL

Na tradição fonética, além dos segmentos que correspondem a sons definidos pelos alfabetos fonéticos, há elementos supra-segmentais que podem ser de dois tipos: a) elementos que modificam segmentos, como a labialização, a palatalização, a nasalização, ou seja, elementos tidos como portadores de uma articulação secundária; b) elementos diferentes dos segmentos em natureza fonética e que caracterizam unidades maiores do que os segmentos, sendo pelo menos da extensão de uma sílaba. Os elementos do tipo (a) são mais conhecidos como "elementos supra-segmentais" propriamente ditos, e os do tipo (b) são mais conhecidos como "elementos prosódicos" propriamente ditos. Não trataremos aqui do tipo (a), mas tão somente do tipo (b).

Seguindo uma tradição fonética, podemos agrupar esses elementos supra-segmentais prosódicos em grupos.

- a) - Elementos da melodia da fala: tom, entoação, tessitura.
- b) - Elementos da dinâmica da fala: duração, mora, pausa, tempo, acento, ritmo, ársis/tesis.
- c) - Elementos da qualidade da voz: volume, registro, qualidade da voz.

Em vez de definir e ilustrar cada um destes elementos, pretende-se neste trabalho fazer comentários específicos sobre as principais funções linguísticas que estes elementos desempenham, com particular referência à Língua Portuguesa do Brasil.

1. TONS SILÁBICOS DAS LÍNGUAS TONAIAS

Os tons das línguas tonais servem para caracterizar os itens lexicais, ou seja, para distinguir significados lexicalizados. O efeito entoacional que resulta daí tem a ver com o fenômeno da ársis/tesis e não com a entoação propriamente dita.

2. ENTOAÇÃO

Os padrões entoacionais (ou tons) caracterizam unidades chamadas Grupos Tonais (GT), as quais, por sua vez, podem ser divididas em Componente Pretônico e Componente Tônico, cuja divisão é feita pela localização da Sílaba Tônica Saliente, ou seja, a sílaba em que ocorre a maior mudança do nível melódico, quer subindo, quer

descendo. Por esta razão, nem toda sílaba tônica tem um tom mais alto, podendo, pelo contrário, ser tônica porque tem um tom baixo. Por outro lado, certas sílabas tônicas (como em Espanhol), que têm o acento caracterizado pela altura melódica, têm, na verdade, o acento caracterizado pela entoação. Nestes casos, não faz sentido estudar o acento de palavras como se fosse independente da entoação¹.

A divisão de um texto em GTs tem a ver com a organização de unidades de informação, cuja forma sintática mais típica é a frase.

Os "tons entoacionais" (padrões) podem ser classificados em dois tipos, segundo suas funções. Um tipo prevê uma classificação (primária) mais geral, em que certas características melódicas são portadoras de distinções sintáticas de frases. Por exemplo, um tom descendente marca uma frase afirmativa, um tom ascendente marca uma frase interrogativa, etc. Um segundo tipo prevê uma classificação (secundária) dos tons, em que, à função sintática, juntam-se significados semânticos relacionados com as atitudes do falante. Por exemplo, um tom descendente em nível alto, passando a baixo (no componenteônico), além de ser "afirmativo", traz consigo ainda o significado de "um pedido" que o falante faz. Há outros modos de se obter o mesmo resultado. Por esta razão, é mais fácil interpretar fatos concretos para se saber qual função linguística os elementos supra-segmentais prosódicos têm do que partir de um significado ou função e prever qual deverá ser sua realização na fala.

Quando se usa um tom suspensivo (de baixo a médio), seguido de um tom afirmativo (de médio a baixo), sintaticamente tem-se uma "frase incompleta" seguida de sua complementar, numa estrutura de relação entre as duas ou mais frases. Veja os exemplos, abaixo:

- (1) Quando você vier, traga um bolo. (tom 3 + 1)
- (2) Traga um bolo, quando você vier. (tom 3 + 1)
- (3) Ele veio aqui, trouxe o bolo e foi embora. (tom 3 + 3 + 1)

A função dos supra-segmentos depende do significado a que eles estão servindo. Assim, de um modo geral, pode-se dizer que há um significado estrutural ("sintático") e um significado interpretativo ("semântico"). A distinção entre ambos fica relativamente fácil, quando se define significado interpretativo como sendo tudo aquilo que traz consigo uma referência ao falante, ou seja, representa a atitude do falante. O significado estrutural tem a ver com tudo o resto, ou seja, com as estruturas sintáticas dos enunciados definidos pelos GTs. Dizer que uma frase é afirmativa é dar um significado estrutural à frase e não representa uma referência à atitude do falante, nem

¹ O que se quer dizer é que a propriedade fonética de variação de altura que ocorre nas sílabas salientes dos grupos tonais é que produz o efeito de saliência em línguas como o Espanhol. Isto, porém, não quer dizer que uma língua como o Espanhol não tenha acento. Eles dizem **Madrid** com "i" tônico e não com o "a" tônico. Isto significa, por outro lado, que deve haver regras na língua que regulam essas ocorrências de tonicidade (regras lexicais ou pós-lexicais). Para detectá-las é mais fácil estudar palavras isoladas do que enunciados com grupos tonais formados de muitas palavras.

conduz a considerações de natureza interpretativa da realidade não estrutural da linguagem. Por exemplo, uma enumeração tem um significado estrutural (dizer coisas repetindo um modelo), mas uma ironia é sempre uma atitude do falante.

A localização da sílaba tônica saliente marca o foco das sentenças e estrutura diferentemente os pressupostos argumentativos do discurso. Observe os seguintes enunciados, em que a sílaba tônica saliente vem grifada:

- (4) Pedro não pagou a conta do **açougue**.
- (5) Pedro não **pagou** a conta do açougue.
- (6) **Pedro** não pagou a conta do açougue.

O enunciado (4) permite que se pressuponha que Pedro tenha pago outra conta, menos a do açougue. O enunciado (5) permite que se pressuponha que ele aumentou a conta e não que ele a tenha liquidado. Já o enunciado (6) permite que se pressuponha que outra pessoa tenha pago a conta, mas não Pedro.

Outra maneira de se ver o valor das diferentes localizações da sílaba tônica saliente consiste em interpretar os enunciados (4), (5) e (6) como respostas possíveis a perguntas do tipo (7) (8) e (9):

- (7) Que conta Pedro não pagou?
- (8) O que Pedro fez com a conta do açougue?
- (9) Quem não pagou a conta?

O falante marca sua escolha por uma estrutura sintática do tipo sujeito/prejudicado ou tópico/comentário servindo-se da entoação e da maneira como organiza os GTs. Veja os exemplos, a seguir:

- (10) Maria foi trabalhar bem cedo hoje.
- (11) Maria, foi trabalhar bem cedo hoje.
- (12) Hoje, Maria foi trabalhar bem cedo.

No enunciado (10) há apenas um GT e a estrutura sintática escolhida foi a de sujeito/predicado. Nos enunciados (11) e (12) há dois GTs e ocorrem casos de tópico/comentário.

De todos os elementos supra-segmentais prosódicos, a entoação é o que está mais intimamente ligado a fatos sintáticos. Por outro lado, a entoação é ainda o elemento mais usado para a caracterização das atitudes do falante, fato muito explorado pelos atores de teatro, cinema e televisão.

Convém lembrar que, quando se dizem palavras isoladamente, o GT fica reduzido ao tamanho da palavra. Nestes casos, é notável a variação melódica entre as sílabas; fisicamente, parece a enunciação de uma língua tonal, mas, linguisticamente, as funções da variação melódica, neste caso, são muito diferentes do que ocorre nas

línguas tonais, uma vez que se mantém os valores sintáticos e semânticos das atitudes do falante, e não ocorre nenhuma "função fonêmica".

3. TESSITURA

A tessitura tem uma função sintática de destacar ou marcar elementos que estão "deslocados". Observe os seguintes exemplos, em que elementos sublinhados representam uma tessitura diferente (por exemplo, mais baixa, geralmente):

- (13) O detetive, **porém**, estava errado.
- (14) O dentista, **que era mal formado**, extraiu o dente sem necessidade.

A tessitura, nestes casos, alterna-se com a presença de pausas e a ocorrência de ambas reforça ainda mais o valor "deslocado".

Num diálogo, o uso de tessituras altas serve para indicar um pedido de turno durante a fala do outro (falas sobrepostas). Para sinalizar o final de um turno conversacional, para que o interlocutor continue a conversa, usa-se uma tessitura baixa, chegando, muitas vezes, ao "creaky voice". O valor "pessoal" dado a certos argumentos em debates vem marcado pela variação da tessitura: níveis bem baixos pretendem imprimir "mais razão, autoridade"; níveis mais agudos, "contestação, exaltação". Quando alguém não quer deixar que seu interlocutor interfira durante a sua fala, a estratégia mais comum é usar uma tessitura bem baixa ou bem alta. Nestes casos, fica ridículo o interlocutor entrar na conversa com um nível de tessitura ainda mais alto ou mais baixo ou mesmo passar de um extremo ao outro. O efeito será sempre uma conversa em paralelo, e o uso da uma tessitura normal não serve para solicitar um turno conversacional. O jeito, então, é esperar. Esta é uma estratégia usada por alguns debatedores que não querem ser interrompidos.

Na estruturação do discurso, a tessitura tem uma função do tipo "coesivo", ou seja, ela serve para lembrar ao ouvinte como conectar coisas ditas antes com coisas ditas depois. Os elementos anafóricos lexicalizados operam num raio de extensão muito curto. A tessitura opera em distâncias maiores, na própria organização do discurso. Por exemplo, alguém começa a falar de um assunto. Depois se lembra de fazer comentários entre parênteses que podem durar várias sentenças, retomando o "fio da meada" mais adiante. Para atribuir esses valores relativos a estas partes (o que deve ser entendido como pertencendo ao assunto principal e o que deve ser entendido como pertencendo a comentários secundários), usa-se uma tessitura em nível baixo para o que se diz secundariamente, e retorna-se ao assunto principal, com o uso de uma tessitura alta. Se o falante quiser "destacar" um assunto para voltar a ele depois, usa uma tessitura alta, no destaque e quando voltar a se referir a esse ponto.

A tessitura não ocorre a partir do meio de um GT, mas sempre no início, podendo ter uma extensão variada, quase sempre ficando dentro dos limites dos GTs. Mais raramente, pode acontecer um "crescendo" ou "decrecendo" contínuo, ao passar de um para outro GT, resultando em mudança da tessitura.

Como se vê, tom, entoação e tessitura servem-se das variações da altura melódica da fala, mas exercem funções linguísticas muito diferentes.

4. DURAÇÃO E MORAS

A duração pode ser usada para distinguir significados em itens lexicais (valor fonêmico). Nestes casos, a duração é uma propriedade dos segmentos (consoantes ou vogais).

A duração está sempre sistematizada ao nível da sílaba em todas as línguas, independentemente dos segmentos, e, neste caso, ganha o nome de "moras". Todas as palavras de todas as línguas têm suas durações previstas no léxico: são as chamadas "durações intrínsecas" das sílabas.² Estas durações atribuem valores e pesos às sílabas, que serão importantes para a aplicação ou não de determinados processos fonológicos.

A duração que se refere a questões fonológicas significa alongamentos ou encurtamentos de segmentos. Os outros tipos de duração delimitam unidades duracionais maiores, a partir da sílaba em diante. Neste caso, a duração é medida levando-se em consideração as durações dos segmentos e seu efeito em unidades maiores. Por exemplo, na poesia, versos podem ser construídos para representarem unidades de duração recorrentes e podem-se fazer poemas com versos de diferentes tamanhos. Ou ainda, pode-se medir a duração dos GTs, por exemplo, ou de qualquer outra unidade, definida de algum modo.

A duração das sílabas tem grande valor nos processos fonológicos. Outras unidades de duração maiores do que a sílaba, em geral, servem para se entender como funcionam fisicamente e perceptualmente as sílabas (organização do ritmo da fala). Em termos da análise do ritmo da fala, podem-se encontrar unidades de duração com

² Não confundir o que chamo de "duração intrínseca das sílabas" (ou seja, as moras) como "duração intrínseca dos segmentos", ou seja, o fenômeno segundo o qual alguns segmentos são mais breves do que outros por razões puramente fonéticas ligadas ao mecanismo de produção da fala. Por exemplo, as fricativas tendem a ser mais longas do que as líquidas e mais longas do que a parte fricativa das africadas, a oclusiva alveodental sonora só se distingue do tepe por ser mais longa do que este, ou melhor dizendo, o tepe tem que ser necessariamente muito mais breve, etc.

O termo "mora", usado aqui para as durações relativas das sílabas, não tem o mesmo significado que adquire comumente nos trabalhos de fonologia não-linear. Também não está ligado diretamente à noção de "peso silábico". Trata-se de um fato puramente fonético. Obviamente, é um assunto de grande interesse para a fonologia também.

Finalmente, como se vê no presente trabalho, não é raro encontrar, na literatura, uma definição errada de língua de ritmo silábico porque o estudioso desconhece a realidade fonética das moras.

funções especiais, como os "pés" nas línguas de ritmo acentual ou versos em poemas metrificados.

Uma língua como o Português usa, às vezes, do recurso do alongamento excessivo da pronúncia de certas palavras para significar qualidades atributivas, que normalmente são expressas por ítems lexicais. Por exemplo, alguém pode dizer:

(15) João tem uma casa! ("caaaaa-sa")

O alongamento excessivo da sílaba tônica "ca" de "casa" é usado pelo falante para modificar o significado literal da palavra "casa", que passa a significar não uma simples casa, mas uma casa de excelente qualidade, grande, bonita, etc. Falar (15) é como se o falante dissesse, por exemplo, (16) ou (17):

(16) João tem uma casa muito bonita!

(17) João tem uma excelente casa!

Veja, ainda, os exemplos a seguir:

(18) O cavalo corre! ("cooooo-rre")

(19) Ela escreve depressa! ("de-preeeee-ssa")

No exemplo (18), o falante quer dizer que o cavalo não apenas "corre", mas "corre velozmente". No exemplo (19), o alongamento da sílaba tônica do advérbio é usado pelo falante para dar um significado mais "forte" ao advérbio, no caso, "intensificando a velocidade" expressa por "depressa".

Como acontece com quase todos os elementos supra-segmentais prosódicos, o contexto de uso da fala pode inverter o valor semântico, se a atitude do falante for de ironia forte. Por exemplo, alguém pode dizer:

(20) Ela estuda muito!?!... ("muuuui-to")

querendo dizer, na verdade, ironicamente, que ela estuda, de fato, pouco. Como se vê, o alongamento da duração da sílaba tônica enfatizando a palavra indica um aumento no sentido positivo de uma qualidade, e o mesmo recurso passa a ter um sentido oposto, negativo, somente por ironia, o que só pode ser interpretado pelo contexto (discursivo ou pragmático).

5. PAUSA

A pausa tem uma função aerodinâmica que permite ao falante respirar durante a fala, em momentos oportunos. Estes momentos ocorrem sempre entre GTs e de

preferência no final de conjuntos de orações, tradicionalmente chamados de "períodos" (uma oração ou um conjunto de orações com estrutura sintática e sentido completos).

A pausa tem uma função de "segmentação" da fala e, por isto, pode ocorrer também depois de frases, sintagmas, palavras e até pode ser usada depois de sílabas, quando se "silaba" uma palavra.

Usa-se pausa para indicar o deslocamento de elementos sintáticos (veja item 3) e para assinalar algum tipo de mudança brusca ou radical do conteúdo semântico, que vai se iniciar ou terminar.

O uso de pausas "fora do esperado" representa uma hesitação, o que revela uma re-organização do processo de produção da fala (ou da linguagem, melhor dizendo), ou uma atitude do falante para impressionar o seu interlocutor. O fato de se falar palavra por palavra, segmentadas por pausa, pode representar um reforço sobre o significado literal do que se diz, solicitando do interlocutor que deixe de lado outras interpretações possíveis. Além disto, falar destacando as palavras com pausas pode representar uma atitude do falante que deseja reforçar o valor de sua autoridade e do que diz. A pausa pode também servir para chamar a atenção para o que se vai dizer em seguida ou para segmentar a fala em sintagmas de um jeito e não de outro na fala.

Quando as pessoas falam, é comum evitarem as pausas que não sejam as da respiração o que vêm reforçando ou ajudando a destacar a ocorrência de um outro elemento supra-segmental prosódico, que por si só já traz o valor que a pausa também representa. Por isto, estudar "pausas virtuais" não faz muito sentido.

6. TEMPO

Tempo (ou velocidade de fala) tem sido, às vezes, confundido com ritmo. Algumas mudanças de velocidade são causadas por efeitos físicos da produção da fala: no início acelera-se até atingir uma velocidade normal e, no final de enunciados diante de pausa, ocorre uma típica desaceleração. Em línguas de ritmo acentual ocorre uma aceleração ou desaceleração dentro dos pés, dependendo do número de sílabas, com o objetivo de caracterizar a tendência à isocronia dos pés, que estas línguas têm.

Ocorrências de aceleração ou desaceleração no discurso servem para se dar maior valor a algo que se diz (desacelerando) ou preparar um argumento mais importante logo adiante com uma aceleração da fala.

Velocidade muito rápidas ou muito vagarosas fazem com que as sílabas percam suas durações intrínsecas e passem a ter todas uma mesma duração. Nestes casos, ocorrem processos fonológicos muito peculiares.

7. ACENTO E RITMO

Um certo tipo de acento que tem uma função fonológica distintiva serve para distinguir significados lexicais, como os fonemas, por exemplo, quando se contrasta em

Português "pública" - "publica" e "publicá" (= publicar). Por outro lado, a sílaba tônica saliente (acento frasal), como já vimos (item 2), pertence ao fenômeno da entoação.

Nas línguas de ritmo acentual, a ocorrência dos acentos marca o início dos pés, definindo seus limites nos grupos tonais³. Estes acentos não correspondem simplesmente à soma dos acentos das palavras quando são ditas isoladamente. No enunciado ocorre uma re-estruturação que permite que algumas palavras sejam átonas ou tônicas, dependendo de como o falante estrutura o ritmo, acarretando, conseqüentemente, processos fonológicos diferentes. Considere o exemplo (21), a seguir:

(21) Ela não viu o vestido novo que comprei hoje.
X X X X X X X X X

As sílabas assinaladas com "x" podem ser tônicas ou átonas, gerando várias maneiras de se dizer o enunciado (21), cada uma com uma estrutura rítmica própria. Notar que certas categorias gramaticais, quando representadas por apenas uma palavra, ou desacompanhadas de palavras modificadoras do tipo "adjetivo", "advérbio", ocorrem sempre acentuadas. Caso contrário, o acento pode cair não no "núcleo" do sintagma, mas em um dos seus modificadores. Assim, no sintagma "vestido novo", pode-se ter a palavra "vestido" sem sílaba tônica, ou a palavra "novo". As duas palavras podem ter uma sílaba tônica, mas não pode ocorrer a ausência de sílaba tônica em ambas ao mesmo tempo. O mesmo vale para "comprei hoje".

Nas línguas de ritmo acentual, ocorre uma tendência à isocronia dos pés. Esta tendência é facilmente perceptível quando se ouve um texto e pode ser facilmente testada pedindo para o falante dizer números ou lista de nomes em fala fluente. O fato de inúmeras pesquisas instrumentais mostrarem que fisicamente não ocorre a isocronia dos pés simplesmente revela quão diferentes são os processos de percepção dos de produção e audição. Aliás, fato semelhante ocorre com muitas outras propriedades fonéticas da fala como, por exemplo, com a qualidade das vogais.

Num enunciado, as sílabas mantêm suas durações intrínsecas quando se organiza a ocorrência isocrônica dos pés nas línguas de ritmo acentual. O que se modifica não é o esquema de moras, mas a velocidade de fala. Assim, se num pé ocorre uma sílaba longa e duas breves, e no pé seguinte ocorre uma sílaba longa, uma breve, uma longa e duas breves, a tendência à isocronia fará com que as sílabas do segundo pé sejam faladas mais rapidamente do que as do primeiro pé. Em termos físicos, há diferenças notáveis nas durações, mas, em termos perceptuais, as relações entre as durações das sílabas fazem com que o padrão das moras se mantenha. Se não

³ Não confundir a noção de "pé", usada aqui de acordo com os estudos de Abercrombie, com a noção de "pé" usada na fonologia métrica. Na fonologia métrica, por exemplo, um pé iâmbico começaria com um tempo fraco, ou seja, uma sílaba não acentuada.

houvesse isto, haveria uma descaracterização fonética da palavra ou resultaria numa fala estranha.

O ritmo, portanto, dá uma nova dimensão e função ao acento, diferente de sua função fonêmica, sem destruir esta última.

Em línguas de ritmo silábico, o ritmo é caracterizado pelas sílabas e não pelos pés (inexistentes). O ritmo, neste caso, é caracterizado tipicamente pela transposição das durações intrínsecas das sílabas das palavras para os enunciados. Pode haver algumas regras de reajuste em função do contexto em juntura intervocabular, mas não ocorre acelerações ou desacelerações para produzir um padrão isocrônico, como ocorre com os pés nas línguas de ritmo acentual.

Algumas línguas tendem a ter a maioria das sílabas com igual duração, ocorrendo, ocasionalmente, algumas sílabas ultra-breves, como acontece com o Japonês e o Francês. Outras, como o Espanhol, usam ainda menos sílabas ultra-breves. A maioria, porém, das línguas de ritmo silábico tem sílabas longas e breves. Nestas línguas, a duração tem uma função fonêmica para distinguir significados, como alguns fonemas do Italiano (caso das consoantes geminadas). Caracterizar uma língua de ritmo silábico como tendo sílabas iguais em duração é, obviamente, um equívoco. Este fato pode se aplicar a alguma língua particular, mas não serve para definir o que é um ritmo silábico.

Nas línguas de ritmo silábico, os acentos não costumam ter valores fonológicos muito específicos como nas línguas de ritmo acentual. Geralmente, o acento importante é a sílaba tônica saliente (acento frasal). Nestes casos, o ritmo marca unidades de duração maiores do que as sílabas através da entoação e da formação dos GTs. Aliás, a sensação de ritmo, nestes casos, é revelada mais pelos padrões entoacionais do que pelas durações das sílabas. As durações das sílabas mostram mais um certo "andamento" ou seja, acelerações e desacelerações (tempo).

Línguas de ritmo acentual usam uma fala silabada (que se assemelha ao ritmo silábico) para destacar o que se diz, sobretudo para chamar a atenção para o que se diz, por se considerar muito importante. É por esta razão que ninguém faz uma súplica ou diz um palavrão em ritmo acentual. O que ocorre, nestes casos, é uma fala silabada, na qual todas as sílabas têm a mesma duração. O contrário, porém, não acontece: línguas de ritmo silábico nunca usam uma fala em ritmo acentual⁴.

⁴ Por causa das diferentes maneiras de se definir o que seja uma língua de ritmo silábico e acentual, encontram-se na literatura afirmações surpreendentes, como a que classifica o português do Brasil como sendo uma língua de ritmo silábico e o português de Portugal como sendo uma língua de ritmo acentual, o que, evidentemente, é falso. Porém, é preciso ressaltar que uma das diferenças mais notáveis entre os dialetos do sul e do resto do Brasil é justamente o fato de o ritmo desses dialetos do sul terem um ritmo silábico e não acentual, como o resto do país. Isto se deve, ao que parece, a uma influência do espanhol. No Rio Grande do Sul, esse dialeto com ritmo silábico é reconhecido com o nome de fala de "gaúcho da fronteira".

O fato de se dizer que o português do Brasil e o de Portugal são exemplos de línguas de ritmo acentual não significa que essas duas variedades sejam idênticas. Como se sabe, há grandes diferenças entre o português de Portugal e o do Brasil e, como resultado sobretudo de processos de queda de vogal em sílabas átonas no português de Portugal e de epênteses de vogais átonas no português do Brasil, acaba-se tendo uma

8. VOLUME

Falar alto ou falar baixo é uma característica idiossincrática do falante. Falar alto pode significar uma atitude autoritária e falar baixo uma atitude de persuasão, timidez ou respeito. O volume da voz também se adapta ao contexto e à distância que o falante se situa em relação ao seu interlocutor (cf. os gritos). Expressões súbitas de dor, de perigo ou de grande perturbação também são proferidas em alto volume de voz.

Tradicionalmente, tem-se interpretado o volume de voz como um dos elementos que marcam a saliência das sílabas tônicas, juntamente com a duração e a variação da altura melódica. A variação do volume de voz acompanha paralelamente as marcas fonéticas de saliência ou de redução que o falante imprime à sua fala. É uma espécie de "reforço" para o valor de outros elementos supra-segmentais prosódicos. Na verdade, o volume de voz por si só tem uma função linguística praticamente inexistente, exceto nos casos em que carrega uma atitude do falante.

Acontece com o volume de voz algo que ocorre com outros elementos supra-segmentais prosódicos (e de outros tipos também). A fala precisa se ajustar ao ambiente e sobretudo ao interlocutor. Por isto, uma pessoa começa a falar "no seu tom" e depois vai modificando-o até que fique adequado ao contexto. Quando duas pessoas começam a conversar, elas vão ajustando o "próprio tom" até que ambas estejam usando um esquema semelhante. Quando isto não ocorre, a conversa é sempre sentida como sendo "muito desagradável".

9. REGISTRO

Registro refere-se ao fato de um falante destacar uma palavra ou sintagma, usando um tipo de qualidade de voz diferente daquele que lhe é habitual. Dependendo da qualidade de voz usada, ocorrem processos fonológicos particulares nestes contextos. Por exemplo, pode ocorrer um "creaky voice", ou uma palatalização, ou uma nasalização ou uma labialização, etc. fazendo com que uma palavra ou sintagma se destaque na fala.

Um caso comum de registro é a marcação de final de enunciado de um turno conversacional, com o uso de "creaky voice". O registro é frequentemente usado para revelar características de uma pessoa, quando associado à fala de seu nome. Nestes

diferença no modo como o ritmo acentual dessas duas variedades ocorre foneticamente e como se liga a processos fonológicos. Podemos dizer, portanto, que essas duas variedades partem de um mesmo esquema fonológico mas, porque percorrem caminhos diferentes, acabam em resultados fonéticos diferentes. Essas diferenças dizem respeito ao modo como uma língua de ritmo acentual atualiza suas características. Essas diferenças não criam necessariamente um novo e diferente tipo de língua quando ao ritmo. Quer uma variedade, quer outra tendem a manter a isocronia das sílabas tônicas, mas a maneira como os itens lexicais se comportam dentro dos pés é diferente, como é diferente o que acontece nas mesmas circunstâncias entre duas línguas de ritmo acentual quaisquer como o inglês e o português, por exemplo.

casos, ou se faz uma imitação da fala da pessoa ou se lhe atribui uma qualidade positiva ou negativa através de uma qualidade de voz adequada, juntamente com o uso de outros elementos supra-segmentais prosódicos. Por exemplo, falando com Pedro, Maria menciona o nome de Anacleto, destacando as sílabas, aumentando a distância entre a altura melódica de cada sílaba, seja para mais agudo, seja para para grave, numa tentativa de imitar a maneira "gay" da fala comum de Anacleto. O modo como Anacleto fala representa uma qualidade de voz que lhe é própria constantemente, mas, para a Maria, aquela maneira de falar era apenas um registro momentâneo.

10. QUALIDADE DE VOZ

A qualidade de voz é uma propriedade fonética particular dos indivíduos e como tal é um índice eficaz para se identificar a pessoa do falante. Também as línguas apresentam nos seus dialetos qualidades de voz típicas que permitem o reconhecimento da variedade linguística pelos falantes. Assim, algumas línguas ou dialetos têm uma qualidade de voz retroflexa, nasalizada, palatalizada, deslabializada, etc. Nestes casos, a qualidade de voz é produzida pela alta frequência da ocorrência de determinado traço fonético nos ítems lexicais.

A qualidade da voz individual apresenta problemas fonológicos próprios, uma vez que o falante faz um uso quase permanente de determinada propriedade fonética: por exemplo, fala com uma qualidade de voz dentalizada (ceceo), ou palatalizada. Isto transforma grande parte dos segmentos em elementos fonéticos diferentes. Por exemplo, na fala dentalizada, todo /s/ fica com o som de uma fricativa dental surda.

Alguns usos da qualidade de voz marcam classes de pessoas ou ocorrem em situações especiais. Assim, por exemplo, os pederastas no Brasil costumam usar uma voz de falseto. A mesma qualidade de voz é usada pelas pessoas que falam furiosamente contra alguém (ou "machões"). No segundo caso, o uso de um volume de voz alto e de uma articulação tensa co-ocorrem para se obter o efeito esperado. No primeiro caso, ocorre uma articulação "frouxa" (em termos de tensão dos músculos do aparelho fonador).

A qualidade de voz como alguns outros elementos supra-segmentais prosódicos, pela sua evidente presença na fala como algo que se sobrepõe aos segmentos, modificando-os de certa forma foneticamente, não atrapalham na comunicação, bastando apenas que o ouvinte se "familiarize" um pouco. A descrição fonológica, por outro lado, precisa "despojar" a fala desses traços prosódicos, caso contrário, terá como resultado uma análise falsa da realidade linguística em termos fonológicos. Por exemplo, o fenômeno de palatalização não pode ser interpretado fonologicamente através da qualidade de voz, mas por outras razões (como assimilação).

11. ÁRSIS/TÉSIS

As propriedades fonéticas deixam marcas acústicas na fala que são percebidas como saliências ou vales de um certo nível. O resultado final representa a somatória destas marcas ou saliências, produzindo um efeito de ondas de diferentes tamanhos e força na fala. A percepção desta variação como uma sucessão de ondas, corresponde à ársis (crista das ondas) e à tésis (vale entre as ondas).

A escolha lexical combinada com a presença de determinados elementos supra-segmentais prosódicos pode produzir "efeitos induzidos" que caracterizam um texto, a fala de uma pessoa ou até de um dialeto ou língua. É evidente o uso da ársis/tésis em poesias: o verso pode não ser metrificado, mas mesmo assim, pode ter características rítmicas muito bem estruturadas que revelam uma arte poética de base peculiar, como o Francês, que tende a ter um esquema de vales que sobem no final dos GTs atingindo os picos das ondas, sucessivamente, até encontrar um GT descendente de final de período. O Japonês apresenta um esquema oposto, começando nos picos das ondas e acabando no fundo dos vales em sequências de GTs.

As funções linguísticas dos elementos supra-segmentais prosódicos:

Podemos traduzir o exposto acima numa tabela em que se tem por um lado os elementos supra-segmentais prosódicos (ESP) e por outro suas funções linguísticas.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1. Tons	x										
2. Entoação				x			x	x			
3. Tessitura				x	x	x					
4. Duração	x	x	x							x	x
5. Moras		x									
6. Pausas			x	x				x		x	x
7. Tempo											x
8. Acento	x										
9. Ritmo		x	x				x				
10. Volume								x			x
11. Registro		x	x			x					
12. Qual. de voz		x							x		x
13. Ársis/Tésis									x		

valores dos números que representam as funções:

- a) - função estrutural:
 - 1. fonológica (fonêmica)
 - 2. fonológica (geradora de processos)
 - 3. morfológica (lexicalização)
 - 4. sintática (categorias e funções)
 - 5. discursiva (coesiva)
 - 6. dialógica (turnos conversacionais)
- b) - função interpretativa:
 - 7. semântica (conotações, sub-entendidos)
 - 8. pragmática (atitudes do falante)
 - 9. identificação do falante ou da língua
 - 10. re-estruturação da produção da fala.
 - 11. fonética (fatos físicos)

A fala não pode prescindir dos elementos supra-segmentais prosódicos, do mesmo modo que não pode prescindir dos fonemas. Estes servem para a caracterização dos itens lexicais e aqueles para marcar estruturas e acrescentar significados sem a necessidade de lexicalizá-los (exprimi-los através de palavras).

Os elementos supra-segmentais prosódicos marcam principalmente estruturas que não poderiam ser previstas pelas regras sintáticas comuns ou que só poderiam ser sintaticamente reconhecidas com a presença dos elementos supra-segmentais prosódicos ou, finalmente, estruturas que, embora geradas por regras sintáticas, são destacadas como tais na fala através dos elementos supra-segmentais prosódicos, para se evitar interpretações diferentes (porém possíveis, feitas por um falante ideal) das desejadas pelo falante real.

Os valores semânticos e pragmáticos dos elementos supra-segmentais prosódicos estão voltados basicamente para a caracterização do falante ou de interpretações pessoais dele, como ocorre tipicamente com as alternâncias de turnos dialógicos e com as chamadas atitudes do falante.

As funções estruturais são facilmente descritas, revelando a sistematização empregada pela língua, como acontece tipicamente com os padrões entoacionais e com o uso das pausas. Nestes casos, é fácil reconhecer a função dos elementos supra-segmentais prosódicos, como também é fácil decidir como realizar foneticamente através destes elementos uma estrutura desejada.

Com relação às funções semânticas e pragmáticas, porém, a questão é diferente. Dados os contextos linguísticos e de uso da linguagem, é relativamente fácil prever o valor linguístico dos elementos supra-segmentais prosódicos envolvidos na fala real. Porém, ao organizar o que vai falar, o falante tem diante de si, em geral, várias opções para realizar através destes elementos um determinado efeito semântico. Mas também é verdade que há restrições: nem tudo serve para tudo, como se pode ver no quadro apresentado anteriormente. Na verdade, tem-se muito mais restrições do que liberdade de escolha.

Estes fatos não deixam os elementos supra-segmentais prosódicos fora de controle. Simplesmente, deixam à disposição dos falantes uma variedade maior de possibilidades de expressão. O uso de uma ou de outra mostra bem traços da personalidade do falante. Por exemplo, para se fazer uma frase afirmativa, tem que haver um padrão entoacional decrescente. Para se fazer uma frase interrogativa, usa-se um tom ascendente; mas, se houver alguma palavra interrogativa, usa-se, ao invés, um tom descendente. E isto é muito claro e simples. Porém, se o falante quiser dizer algo com ironia, terá várias opções pela frente. Antes de mais nada, precisa decidir que tipo de ironia quer imprimir à sua fala naquele momento. Há sempre muitas sutilezas de significado nas atitudes do falante e todas elas se refletem depois na escolha dos elementos supra-segmentais prosódicos e no modo de se programar as palavras que se diz. Uma ironia pode revelar uma coisa ridícula, um desrespeito, uma inverdade, etc. Suponhamos que o falante queira usar uma ironia descortesa. Assim, deverá decidir, por exemplo, se vai usar um enunciado sem lexicalizar a idéia de ironia (23), reservando isto para a ação dos elementos supra-segmentais prosódicos, ou não (22). Por exemplo, poderia dizer (22) ou (23):

- (22) Não quero rir na sua cara, por isto digo que você se enganou na escolha do livro.
- (23) Você pensa que "O Banquete de Platão" é livro de culinária?

O enunciado (22) pode ser dito como uma afirmação pura. O enunciado (23), para trazer a idéia de ironia, precisa da presença de elementos supra-segmentais prosódicos. Desse modo, o enunciado (23) será dito com um sorriso no canto da boca (contexto pragmático gerando uma certa qualidade de voz). Além disto, o falante usará outros elementos supra-segmentais prosódicos adequados para transformar uma simples pergunta numa pergunta irônica. Isto se obtém, por exemplo, com o uso de um tom secundário do tom de pergunta (como maior variação melódica); com o uso de uma tessitura mais alta a partir de "é livro...", ou destacando apenas o nome do livro (O Banquete de Platão). Em lugar da tessitura ou em acréscimo, pode-se variar o andamento (tempo), a ponto de transformar o ritmo acentual esperado numa fala silabada.

O falante poderia ter falado de outro modo, usando outras palavras ou mesmo variando apenas o conjunto de elementos supra-segmentais prosódicos necessários para obter o efeito da ironia descortesa que queria imprimir à sua fala.

Isto tudo mostra que os elementos supra-segmentais prosódicos não só podem ser bem definidos e descritos foneticamente, mas precisam ser levados em conta em todas as análises linguísticas, em todos os níveis. Análises que usam apenas uma forma (quase) ortográfica para representar a fala na reflexão do linguista podem deixar de lado fatos muito importantes da linguagem que são tipicamente expressos pelos elementos supra-segmentais prosódicos.

BIBLIOGRAFIA

- ABERCROMBIE, D. (1967) **Elements of General Phonetics**. Edinburgh University Press.
- CAGLIARI, L.C. (1982) **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. Tese de Livre Docência, UNICAMP, IEL.
- _____. (1989) "Marcadores Prosódicos na Escrita". **Estudos Linguísticos, XVIII Anais de Seminários do GEL**, p. 195-203.
- _____. (1989) **Prosódia e Discurso**. UNICAMP, IEL (Não-publicado).
- _____. (1990) **The Linguistic Functions of Prosody**. UNICAMP, IEL (unpublished).
- CATFORD, J.C. (1977) **Fundamental Problems in Phonetics**. Edinburgh University Press.
- CRYSTAL, D. (1969) **Prosodic Systems and Intonation in English**. Cambridge University Press.
- HALLIDAY, M.A.K. (1970) **A Course in Spoken English: Intonation**. Oxford University Press.
- HYMAN, L. (1975) **Phonology: Theory and Analysis**. Holt, Rinehart and Winston.
- LADEFOGED, P. (1971) **Preliminaries to Linguistic Phonetics**. The University of Chicago Press.
- LAYER, J.D.M.H. (1975) **Individual Features in Voice Quality**. Ph. D. Thesis, Un. of Edinburgh (published by CUP).
- LEHISTE, Ilse (1970) **Suprasegmentals**. The MIT Press.